

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

CIBERPOESIA NA ESCOLA: NOVAS PERSPECTIVAS NAS AULAS DE LEITURA

Cícero Santolin Braga¹ (UPF)

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço privilegiado para facilitar o acesso de livros aos alunos, sendo que a criação de estratégias para incentivá-los a tomarem o gosto pela leitura faz parte do ofício docente.

Sabe-se que a variedade dinâmica de portadores de texto disponibilizados pela Internet que são contemplados pela tecnologia digital contribui para a aplicação do interesse de qualquer público. No entanto, filtrar todo o universo virtual é uma missão que só se faz valer se o leitor souber definir os critérios para a seleção que vai ler. Dessa forma, o uso de tecnologias no contexto escolar, especificamente na disciplina de Língua Portuguesa, constitui um elemento estimulador para as práticas leitoras.

A literatura digital é aquela nascida no meio digital, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e lido em uma tela digital. Há diversas estéticas para este tipo de literatura, como ficção em hipertexto, ficção na rede interligada, ficção interativa, narrativas locativas, instalações, *codework*, arte generativa e poemas em Flash. Essas novas tecnologias digitais podem se constituir em ferramentas importantes para o desenvolvimento de processos construtivos de aprendizagem, para a criação de novos espaços a fim de que ela ocorra, de novas formas de representação da realidade, para ampliação de contextos e maior incentivo aos processos cooperativos de produção do conhecimento.

¹ Graduado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pela Universidade de Passo Fundo. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Inglesa pela Universidade Candido Mendes. Mestrando em Letras pela Universidade de Passo Fundo na linha de pesquisa Leitura e Formação do Leitor. E-mail: cicerosantolinbraga@gmail.com

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A tecnologia ajuda o aluno a aprender e criar coisas novas, pois ela passa a ter um maior poder de criação. Potencializa a expressão e criatividade do aluno dando prazer ao pensar e ao criar. A aprendizagem é construída e cada vez mais presente no contato direto com o equipamento. O aluno passa a ser mais crítico e participativo nas atividades do dia-a-dia. Assim, as novas tecnologias digitais podem se constituir em ferramentas importantes para o desenvolvimento de processos construtivos de aprendizagem, para a criação de novos espaços de aprendizagem, de novas formas de representação da realidade, para ampliação de contextos e maior incentivo aos processos cooperativos de produção do conhecimento (MORAES, 1994).

No que tange ao conto, o miniconto desponta na Era Digital como grande possibilidade literária já adaptada ao novo meio. Esse gênero encontrou na Web um ambiente propício devido à extensão e, aos poucos, se torna parte de projetos maiores, bem definidos e acabados, como no caso de *Dois Palitos*, de Samir Mesquita. Porém, a inserção desse gênero ainda é carente em contexto escolar, onde, muitas vezes, a maioria das escolas tem laboratórios de informática os quais muitas vezes são subutilizados, principalmente por disciplinas como Português ou Literatura. Os projetos de literatura digital, entretanto, são ótimas oportunidades para aproximar os estudantes dos benefícios da tecnologia, do prazer da leitura e da linguagem literária, do fazer literário.

A experiência mostra que muitos jovens não leitores são fisgados pelo aspecto lúdico desse novo tipo de literatura e acabam inclusive citando a literatura digital nas redes sociais e nas conversas em casa. Porém, como essa literatura é ainda recente, a forma pedagógica de como trabalhar com a literatura digital em sala de aula ainda está sendo descoberta. Para isso, este trabalho mostra como é possível trabalhar com a literatura digital, especificamente com o gênero miniconto e tratar da linguagem literária e com os sentidos que esse gênero proporciona ao leitor na disciplina de Língua Portuguesa.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

1 OS LEITORES E OS PROCESSOS DE LEITURA

Uma vez que os processos de leitura envolvem habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas, Santaella afirma que, em momentos históricos distintos, três leitores diferentes emergiram, o leitor contemplativo, o leitor fragmentado e o leitor virtual. Ressalta-se que os três tipos de leitores foram importantes para que novos se configurassem (SANTAELLA, 2013). Nessa perspectiva, considerando-se o momento histórico em que cada leitor se encontra, há a necessidade de contextualizar a época em que cada tipo de leitor viveu a fim de que os mecanismos de escrita e de leitura possam ser mais bem compreendidos na atualidade.

Quando se instituiu que a leitura em bibliotecas seria realizada em silêncio, uma mudança muito significativa ocorreu no processo de leitura no fim da Idade Média e início do Renascimento: a leitura passaria a ser um exercício de concentração íntimo, feita com o movimento dos olhos e o virar das páginas. É nesse momento que nasce o leitor contemplativo que tem diante de si signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros pinturas, gravuras, mapas, partituras (SANTAELLA, 2013). Esse tipo de leitor se isenta de situações mundanas para se concentrar na leitura, numa atividade solitária, que pode ser interrompida para reflexão, retornada, feita novamente por dezenas de vezes até que o entendimento seja feito do modo desejado. É o leitor que procurou o isolamento para absorção do conteúdo, não se preocupando com quanto tempo faz que esteja lendo nem tem pressa para terminar.

Com o advento das locomotivas trazendo esperanças em formato de produtos produzidos em grande escala e os horários rígidos nas fábricas, junto com o cinema, a luz elétrica, o telégrafo, depois os jornais, revistas e tudo que poderia cercar as pessoas com informações, um novo tipo de leitor começa a se formar. Da nova forma de trabalho em que o produtor dominava todo o processo produtivo emerge um novo tipo de leitor, o movente, que surge pós Revolução industrial, sendo

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes, cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais, leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. A impressão mecânica, aliada ao telégrafo e à fotografia, gerou a linguagem híbrida do jornal, testemunha do cotidiano, fadada a durar o tempo exato daquilo que noticia. Com ela nasce o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. (SANTAELLA, 2013, p.269)

Por todos os lugares havia textos que acendiam e apagavam nos luminosos dos estabelecimentos comerciais dos mais diversos tipos, além de cartazes de propaganda, rótulos de produtos, fachadas, automóveis, placas de sinalização. Médicos, veterinários e advogados viraram produtos também. Os centros comerciais, as ruas e os *boulevards* passaram a ser grandes vitrines com todo tipo de informação, que é lida rapidamente e sem intimidade, numa batida de olhos, onde pessoas passam a todo momento praticamente que despercebidas entre o leitor e elas, que também podem ser leitores desse tipo. Imagens e textos que seduzem e fazem produtos serem vendidos ou simplesmente desejados. Por tanto, todos lendo tudo ao redor, rapidamente e com menos concentração e com a pressa que a vida pós Revolução Industrial foi emprestando pra todos. Esse é o leitor intermediário entre o contemplativo e o imersivo.

Seguindo o contexto de avanços que modificaram a forma de produzir, comunicar e viver, a revolução tecnológica caracteriza a aplicação dos conhecimentos e dos processos de leitura desta geração, visando além de uma realimentação cumulativa que promove inovação e uso em velocidades a serem aplicadas a partir de “n” processos a serem desenvolvidos, onde usuários e criadores se confundem diante da criação que se dá no decorrer do uso. É nesta perspectiva que surge o leitor imersivo. Este está a todo e qualquer tempo em prontidão para receber e ler novas informações, conduzindo seu próprio caminho em navegações alienares ou multilíneas. De acordo com SANTAELLA (2013), é imersivo porque, no espaço interacional, perambula e se detém em telas e programas de leituras, num universo de signos eternamente disponíveis, ou seja, é o leitor que passeia por várias dimensões de conteúdos através dos nós que as

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

une, que pode ter uma leitura que não tem fim, que entrecruza os dados com outros textos, os compara e gera um terceiro ou um quarto conteúdo.

Baseando-se na trajetória histórica dos três leitores anteriormente referidos, em cada uma das épocas mencionadas são exigidas habilidades diferentes que mudaram a forma com que os leitores se relacionam com as mídias, principalmente quando o formato dos textos se modificou e vem se modificando desde os séculos passados e, por isso, falando-se de leitores e processos de leitura distintos. Isso porque é por meio de interações feitas pelo leitor virtual que, no Ciberespaço, o leitor utiliza habilidades sensoriais, perspectivas e cognitivas quando entra em contato com infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão.

2 A UBIQUIDADE DA INFORMAÇÃO: O CIBERESPAÇO

Um dos fenômenos mais marcantes deste século é a convergência da cultura e da técnica de modo geral, sendo que vários setores da vida contemporânea estão sendo substituídos, complementados ou articulados pelas tecnologias digitais, ao mesmo tempo em que surgem novos domínios, já inteiramente técnicos, como é o caso da internet e da imagem digital. Certamente, esses fenômenos possuem um marco de origem, um momento que desencadeou o processo, a partir de um conjunto de fatos que redundaram no momento tecnológico atual. Esse processo de inovação tecnológica já se encontrava em curso no século XIX com a invenção da fotografia, do gramofone e outras tecnologias de registro analógico. A novidade de hoje encontra-se na possibilidade de tradução de dados do analógico e digital, o qual se concretiza num espaço denominado de Ciberespaço.

O termo surgiu com o autor de ficção científica Willian Gibson, em 1984, em sua obra *Neuromancer*. O vocábulo foi utilizado para designar um ambiente artificial

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

onde trafegam dados e relações sociais de forma indiscriminada. Nessa obra, o ciberespaço é um espaço não físico no qual uma alucinação consensual pode ser experimentada diariamente pelos usuários. Já para LÉVY (1999), o ciberespaço é definido como o espaço de comunicação formado pela interconexão mundial dos computadores e das suas memórias. Constituindo-se num espaço virtual de trocas simbólicas entre pessoas, pode ser entendido como o espaço de troca de informação na cultura contemporânea.

Para Lévy, o ciberespaço de Gibson tornou a *geografia móvel da informação*, normalmente invisível, em algo sensível e como resultado o termo foi logo adotado pelos desenvolvedores e usuários *das redes de rede* o novo espaço de comunicação proporcionado pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores onde estão incluídos todos os sistemas de comunicação eletrônica que transmitem informações oriundas de fontes digitais ou que sejam destinadas à digitalização. Lévy insiste no aspecto da codificação digital, pois esta condicionaria "o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação" (1999, p. 92). Este último - o virtual - é a característica essencial do ciberespaço. Na introdução de seu livro *Cibercultura*, Lévy apresenta um conceito do ciberespaço:

[...] É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999. p. 17).

A partir disso, seria possível identificar a Internet como sendo esse novo meio levando a conclusão de que são as mesmas coisas. Contudo existe uma diferença fundamental a ser considerada. "As grandes tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

conhecimento." (LÉVY, 1999, p. 32). Assim, a Internet pode ser vista como parte dessas tecnologias digitais, ou como a infraestrutura de comunicação que sustenta o ciberespaço, sobre as quais se montam diversos ambiente, como a Web, os fóruns, os chats e o correio eletrônico para ficar apenas com os exemplos mais comuns e disseminados. Portanto, o ciberespaço é o ambiente e a Internet uma das infraestruturas.

"a extensão do ciberespaço acompanha e acelera uma virtualização geral da economia e da sociedade. Das substâncias e dos objetivos voltamos aos processos que o produzem. Dos territórios, pulamos para o nascente, em direção às redes móveis que os valorizam e as desenham. Dos processos e das redes, passamos às competências e aos cenários que as determinam, mais ainda. Os suportes de inteligência coletiva do ciberespaço multiplicam e colocam em sinergia as competências. Do design à estratégia, os cenários são alimentados pelas simulações e pelos dados colocados à disposição pelo universo digital. Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: ciberespaço faz dele o vetor de um universo aberto. Simetricamente a extensão de um novo espaço universal dilata o campo de ação dos processos de virtualização" (LÉVY, 1999, pp. 49-50).

Diante dessas características que permeiam o ciberespaço, questiona-se o perfil cognitivo do leitor imerso, já que esse usuário da hipermídia, uma vez que se coloca em diversos mecanismos de acesso através da navegação, desenvolve habilidades de leitura muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto tradicional impresso.

MANGUEL (2001) aponta que somos essencialmente criaturas de imagens e de figuras. Ao adentrar os limites não existentes do mundo virtual, o poder da mente do leitor tem a capacidade de desenhar trechos, mapas mentais construídos através de incontáveis acessos a links e hiperlinks que o levam a um ponto comum de conhecimento. Esse raciocínio do navegador imersivo é, segundo SANTAELLA (2013), subdividido em três níveis diferentes de raciocínio: o abduativo, o indutivo e o dedutivo.

O raciocínio abduativo é próprio do leitor novato, que pratica a errância como procedimento exploratório em territórios desconhecidos. O indutivo é característico do

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

internauta que já está em processo de aprendizagem, que navega em espaços desconhecidos, mas que segue passos de indução resultando em caminhos diversos, muitos, dentro de suas expectativas. E o último, o dedutivo, próprio daquele que já conhece todas as artes manhas do ciberespaço. Este último princípio trata de uma forma de raciocínio científico segundo o qual se deve partir do geral para o particular, isto é, a mente que avança para dentro do cibernundo e se debate com as diversas gamas de informações e conteúdos se reconstrói observando, então casos particulares num todo.

Considerando-se que o ciberespaço é, mas não exclusivamente, de uso por uma parcela da população consideravelmente em fase escolar, considera-se plausível refletir se é possível fazer uso do ciberespaço para o cotidiano enquanto educadores. De que maneira se pode utilizar essas novas tecnologias a favor do aprendizado, considerando que o público com o qual os professores lidam dia a dia está cada vez mais envolvido e fascinado por elas?

3 A ESCOLA E O LEITOR IMERSO: UM CHOQUE DE ENTREMEIOS

Acredita-se que a literatura está para além do livro e que ela tem um papel fundamental para a educação e a sociedade a partir das mídias digitais através de meios eletrônicos como o computador, o tablet, o smartphone e a televisão. O que não diminui a importância do livro impresso que, sim, irá conviver com as novas formas de se publicar literatura.

Seguindo a pressuposição de HAYLES (2009), se algo ameaça o futuro do livro não é a tecnologia, e sim o descaso pela leitura que verificamos nos dias de hoje. Portanto, não se quer que um usuário largue um livro para ler literatura digital, mas que leia uma obra de literatura digital, já que muitos são os trabalhos desenvolvidos nesta área. Nesse sentido, por exemplo, a animação, o hipertexto ou o som, em literatura digital, devem ser compreendidos como a ilustração na literatura infantil: não estão lá para incentivar o leitor a chegar ao texto, e sim para potencializar o efeito desejado. É fundamental, portanto, que **um projeto de literatura digital tenha o texto,**

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

considerando-se aqui literatura a milenar arte da palavra. Porém, a escola, e principalmente não só, mas também o professor da área de linguagens, língua portuguesa e literatura deve estar disposto a uma nova forma de trabalho, ao novo. Esses profissionais devem estar preparados para utilizarem diferentes estratégias metodológicas de forma a tornar mais eficaz o processo de ensino-aprendizagem dos educandos, levando em consideração a ideia de que os sujeitos não aprendem da mesma forma.

Pautada numa perspectiva educacional que privilegia e supervaloriza os livros didáticos no processo de ensino-aprendizagem, NÓVOA (1999) tem razão quando chama atenção para “a pobreza atual das práticas pedagógicas, fechadas numa concepção curricular rígida e pautadas pelo ritmo de livros e materiais escolares” (p. 16). RAMAL também vai nessa mesma direção e levanta uma crítica à escola, afirmando que “sua organização se faz sobre o conhecimento objetivo dos fatos, seu currículo se estrutura em função de saberes que pretendem funcionar como verdades permanentes, absolutas e universais, independentemente do contexto” (*online*). Sendo assim, precisa-se romper com as práticas pedagógicas que impossibilitam a construção do conhecimento, com atividades “prontas” que não respeitam o ritmo de aprendizado de cada alunado. Por isso, seria fundamental que os professores flexibilizassem suas aulas, desenvolvendo metodologias inovadoras e inclusivas.

Diante disso, não se trata de buscar metodologias prescritivas do que a instituição deva ou não fazer para mudar tal cenário, mas compreender o seu papel num período em que os meios midiáticos vêm transformando a forma com a qual crianças e jovens se relacionam com o conhecimento a partir das imagens técnicas que são produzidas por máquinas como os desktops, laptops, palmtops e celulares. Nessa perspectiva, a literatura digital é uma forma atrativa, moderna e muito produtiva de se trabalhar com textos literários em sala de aula. É possível também aprender em outros ambientes, como o ciberespaço, que, por ser bastante utilizado pelas crianças e jovens

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

atualmente, poderia se constituir como mais uma possibilidade na promoção de práticas educativas mediadas pela tecnologia

4 OS CIBERPOEMAS EM UM PLANO DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Os mundos virtuais podem desencadear uma perturbação para o sistema cognitivo humano através do processo imersivo. O espectro das tecnologias digitais a tecnologia tem se defrontado com situações inusitadas, tal como o convívio com criações/programações que desafiam as formas habituais de interação entre professor - aluno e aluno – aluno. É nessa perspectiva que foi pensado a seguinte prática leitora.

4.1 PRÁTICA DE LEITORA

Local: sala de informática.

Objetivo geral:

- Interpretar os ciberpoemas, observando e sentindo elementos multimídiais do poema no qual empregam-se recursos audiovisuais na ampliação dos sentidos do texto.

Objetivos específicos:

- Analisar o os ciberpoemas de Sérgio Capparelli e Ana Claudia Gruszynski: *chá*, *xadrez*, *Van Gogh* e *navio*, observando elementos estéticos e multimídiais de uma construção poética digital.
- Identificar aspectos e características do gênero;
- Realizar a leitura dos ciberpoemas.
- Socializar com os colegas os alunos os ciberpoemas lidos através de debate.

Procedimentos:

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

- Relembrar com os alunos o que foi trabalhado em aula passada (o conto tradicional, sua estrutura e o texto lido).
- Falar aos alunos dos benefícios que a tecnologia nos proporciona e como nossa vida se transforma nela.
- Pedir aos alunos como a tecnologia os afeta e como eles percebem isso.
- Explicar aos alunos que assim como as pessoas passam por certas mudanças com a tecnologia, as obras literárias também.
- Abordar aos alunos como a poesia pode se transformar estando na Web.
- Falar brevemente aos alunos sobre o autor Sérgio Capparelli e Ana Claudia Gruszynski.
- Solicitar que eles acessem o site: <http://www.ciberpoesia.com.br/>
- Mostrar aos alunos um exemplo de ciberpoema, acessando o ciberpoema chá de Poemas Visuais.
- Explicar aos alunos que *Chá*, convida o leitor a arrastar vários elementos de relacionamento, denominados ingredientes, para dentro da xícara, a fim de preparar o próprio chá. Ao final, surge um poema descrevendo o modo de fazer.
- Permitir que os alunos realizem a atividade de leitura em duplas e discutam sobre o que estão lendo.
- Após o término da atividade, as duplas deverão relatar qual dos ciberpoemas mais chamou a atenção e por que e assim, será o debate.
- Se sobrar tempo, o professor pode mostrar outras formas de manifestação da literatura como a poesia no meio digital através do site Electronic Literature Collection.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

As sociedades contemporâneas e as do futuro nas quais vão atuar as gerações que agora entram na escola requerem um novo tipo de indivíduo e de trabalhador em todos os setores da dinâmica social. Além disso, o atual leitor encontra-se diante de uma nova forma de conceber o tempo, o poder, o trabalho, a comunicação e a informação. Dentro dessas novas tendências, se encontra o desafio do educador saber orientar e utilizar a informação. Uma nova relação com o saber deve ser entendida, pois o que é não se pode ser mais previamente planejado, nem precisamente definido e sabe-se que a escola é um organismo vivo, e não estático.

Os novos paradigmas educativos que substituirão os antigos supõem diferentes aplicações tecnológicas. Logo, a escola precisa deixar de ser uma agência transmissora de informação e transformar-se em um lugar de análises críticas e produção de informação. Para que isso seja possível é preciso prover a formação cultural básica, assentada no desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas.

Portanto, ao aproximar a leitura e a literatura de alguém que não esteja habituado com livros, mas seja familiarizado com computadores e *tablets*, a literatura digital pode, sim, formar leitores, incentivar a leitura, sendo inclusive uma ótima ferramenta para a sala de aula. Entretanto, estudos comprovam que o grande problema da falta de leitura no Brasil é o baixo investimento em educação. Muitos jovens saem das escolas sem a proficiência de leitura necessária para vencer um romance, por exemplo, e soma-se a isso o desprestígio social da leitura em nosso país. Dessa forma, parece que o que realmente forma leitores é o professor, é a escola, a educação. Mas a literatura digital pode ser uma aliada nesse árduo processo.

Referências

LÉVY, Pierre. Ciberultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

LITERATURA DIGITAL. Disponível em: <https://goo.gl/GpWHHX>. Acesso em: 22 de agosto de 2016.

MORAES, Maria Cândida. O Paradigma Educacional Emergente. São Paulo: Papirus, 1997.

NÓVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educ. Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, jun. 1999.

RAMAL, Andrea Cecilia. "Formar professores na cibercultura" *in Revista da AEC*, junho de 2000, no prelo.

SANTAELLA, LUCIA. Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação. 2013.